

REVISTA DE ESTUDOS DO MEDITERRÂNEO | NÚMERO 2 | 2022

# meridional



**Alfarrobeira do caminho**  
- Lídia Jorge -

**A guerra em voz baixa**  
- Nuno Júdice -

**Aisha Qandisha**  
- Mohamed Saadan -

**Dossiê temático: O Mar Negro**  
- Rui Bebiano, João B. Ventura, Tamta Melashvili -

# meridional

REVISTA DE ESTUDOS DO MEDITERRÂNEO | NÚMERO 2

**DIRECTORA**  
*EDITOR-IN-CHIEF*

Maria da Graça A. Mateus Ventura

Instituto de Cultura Ibero Atlântica



INSTITUTO DE CULTURA  
IBERO-ATLÂNTICA

PORTIMÃO  
**Dezembro 2022**

# MERIDIONAL REVISTA DE ESTUDOS DO MEDITERRÂNEO

**DIRECTORA / EDITOR-IN-CHIEF**  
Maria da Graça A. Mateus Ventura

**CONSELHO EDITORIAL / EDITORIAL AND  
SCIENTIFIC BOARD**

Ana Isabel Soares (FCHS, UAlg), Isabel Drumond Braga (FLUL), João de Melo (escritor), João Guerreiro (Faculdade de Economia, UAlg), João B. Ventura (ICIA), José Alberto Tavim (CH-UL), Lídia Jorge (escritora), Nuno Júdice (escritor)

**CONSELHO DE REDAÇÃO / REDACTORIAL  
COMMITTEE**

Ana Isabel Soares, Carlos Osório, Elsa Martins,  
João B. Ventura, Maria da Graça Ventura

**CONSELHO DE ARBITRAGEM PARA  
O PRESENTE NÚMERO / PEER REVIEWERS FOR THE  
CURRENT ISSUE**

Álvaro Garrido (UCoimbra), Ana Isabel Soares (FCHS, UAlg), Isabel Drumond Braga (FLUL), João de Melo (escritor), José Alberto Tavim (CH-ULisboa), Maria Antónia Fialho Conde (UÉvora), Maria Antonieta Rossi (Università per Stranieri di Siena), Maria Augusta de Lima Cruz (UMinho), Pedro Prista (ISCTE).

**COLABORADORES DESTA NÚMERO / AUTHORS**

Andreia Fidalgo, António Cabrita, António Jorge Afonso, Carlos Osório, Dora Gago, Francisco Pedreira, Frederico Mendes Paula, Joana Portela, João B. Ventura, João Romero Chagas Aleixo, José Alberto Alegria, Lídia Jorge, Luís Filipe Castro Mendes, Mahi Binebine, Manuel Jorge Marmelo, Maria Adelina Amorim, Maria João Cantinho, Mohamed Saadan, Nuno Júdice, Rui Bebião, Tamta Melashvili.

**FOTO DA CAPA**  
“Azinheira de asas longas”. Elsa Martins.

**EDITOR / PUBLISHER**  
Instituto de Cultura Ibero  
Atlântica  
Casa das Artes, Urb. Santo  
Expedito, Três Bicos,  
8500-731 Portimão, Portugal  
icia.geral@gmail.com

**CONCEPÇÃO GRÁFICA /  
GRAPHIC DESIGN**  
Ana Rico

**IMPRESSÃO / PRINT**  
Litográfis – Artes Gráficas, Lda

**PERIODICIDADE / PERIODICITY:**  
Anual

**DEPÓSITO LEGAL**  
492387/21

**ISSN**  
2795-4226

**TIRAGEM**  
300 EXEMPLARES

**Dezembro 2022**



**INSTITUTO DE CULTURA  
IBERO-ATLÂNTICA**

geral@revistameridional.pt  
www.revistameridional.pt

# ÍNDICE TABLE OF CONTENTS

- 6 **EDITORIAL.** Maria da Graça A. Mateus Ventura
- 10 **Alfarrobeira do Caminho.** Lídia Jorge
- POESIA POETRY**
- 18 **A guerra em voz baixa.** Nuno Júdice
- 20 **Gato por lebre?** António Cabrita
- 24 **Travessia.** Maria João Cantinho
- 26 **Sul.** Maria Adelina Amorim
- DOSSIÊ TEMÁTICO: O Mar Negro THEMATIC DOSSIER: The Black Sea**
- 30 **Mar Negro: uma história em movimento.** *Black Sea: a moving story.* Rui Bebiano
- 58 **Odessa, cidade aberta.** *Odessa, an open city.* João B. Ventura
- 84 **Geórgia, o trauma do sovietismo. Um testemunho.** *Georgia, the trauma of sovietism. A testimony.* Tamta Melashvili
- GRANDE ENTREVISTA GREAT INTERVIEW**
- 93 **O escritor marroquino Mahi Binebine à conversa com José A. Alegria no palmeiral de Marraquexe...** *The Moroccan writer Mahi Binebine talks to José A. Alegria among Marraquexe palm trees...*
- CRÓNICAS CHRONICLES**
- 106 **No Sul faz sempre frio.** *It's always cold in the South.* Manuel Jorge Marmelo
- 112 **Viagem da metamorfose das papoilas à identidade Mediterrânea.** *Journey from the metamorphosis of poppies to the Mediterranean identity.* Dora Gago
- ESTUDOS ARTICLES**
- 118 **Aisha Qandisha: de la leyenda “historiada” al universo inquietante del inconsciente popular** *Aisha Qandisha: from the “historical legend” to the disturbing universe of the popular unconscious.* Mohamed Saadan
- 134 **Mecanismos de sobrevivência dos portugueses em Marrocos: o campo exterior de Tânger e Mazagão.** *Survival mechanisms of the Portuguese squares of Morocco.* Frederico Mendes Paula
- 168 **As relações com Argel. Abraão Cardozo e a nomeação de Salomão Pacífico, vizinho de Lagos, como vice-cônsul da Regência no Algarve.** *Relations with Algiers. Abraham Cardozo and the appointment of Solomon pacific, neighbor of Lagos, as vice consul of the regency in the Algarve.* António Jorge Afonso
- 192 **A emigração andaluza no Algarve (c.1810 – 1914).** *Andalusian emigration in the Algarve (c. 1800-1914).* João Romero Chagas Aleixo
- 220 **O copejo do atum: uma proposta de leitura intermedial.** *The tuna copejo: an intermediate reading proposal.* Carlos Osório
- 242 **A-lã-tejo – paisagens da lã, do vagar e de pastores.** *A-lã-tejo – landscapes of wool, wandering and sheperds.* Joana Portela
- RECENSÕES BOOKS REVIEWS**
- 274 **Nuno Júdice, 50 anos de poesia, 2022.** Luís Filipe Castro Mendes
- 280 **Maria da Graça A. Mateus Ventura, Por este mar adentro, 2021.** Luís J. Semedo Matos
- 286 **José Castanheira, A Pesca no Algarve Medieval, 2022.** Andreia Fidalgo
- 290 **NOTA BIOGRÁFICA DOS AUTORES AUTHORS' CV**

# Editorial

Maria da Graça A. Mateus Ventura

“Claro que o princípio nem sempre está no princípio” afirma a Alfarrobeira do caminho pela voz da Lídia Jorge. O princípio da *Meridional 2* retoma o princípio da *Meridional 1*: o mesmo fio condutor, agora à sombra de uma alfarrobeira que, tendo nascido em Boliqueime, estende os seus ramos para o mundo veloz, com uma amplitude maior do que a oliveira do número inaugural.

Mais vozes se juntaram a nós, de Marrocos à Geórgia. Poetas, ficcionistas, historiadores, uma vintena de autores reúnem-se, com generosidade, para que a *Meridional* possa crescer estendendo os seus ramos frondosos para longe, muito longe.

E, porque o “relâmpago do céu” nos atinge “com a sua horrenda espada de fogo, esse facalhão irado das Nuvens”, a guerra paira sobre esta edição. O Mar Negro, a sua história “em movimento” (Rui Bebiano), a sua cultura (“Odessa, cidade aberta”, incursão literária por João Ventura) e os traumas de um passado soviético que ainda marcam os georgianos (pelo depoimento da escritora e ativista Tamta Melashvili) constituem o tema central do dossiê temático. “A guerra em voz baixa”, pela palavra do poeta Nuno Júdice, fala com a Alfarrobeira da Lídia, porque “O temporal está aqui mesmo em cima”. António Cabrita escreve desde Moçambique, um sul longínquo onde chega o eco das sirenes de Kherson que “antecipam bombardeamentos”. É ainda a Ucrânia massacrada de hoje que Maria Cantinho sugere em contraste com o “Mediterrâneo que foi luz grega e sonho de Ulisses”.

O Algarve e a Andaluzia estão presentes quer no estudo de João Romero Chagas Aleixo, quer na recensão do livro *Por este mar adentro* feita por Jorge Semedo Matos. A pesca, atividade ancestral praticada no Mediterrâneo com diferentes artes e variadas descrições, é abordada por Carlos Osório, que evoca a copejada do atum, e pela recensão de Andreia Fidalgo do estudo sobre *A Pesca no Algarve Medieval*. O Sul é também o Alentejo e o vagar dos pastores que seguem as suas ovelhas pelas planícies verdejantes de que fala Joana Portela.

Marrocos, claro. A outra margem fronteira ao Algarve, o outrora Algarve d’Além, recupera as marcas da presença portuguesa na Época Moderna (estudo de Frederico Mendes Paula) e do imaginário coletivo representado pela lenda da Aisha Qandisha contada aqui por Mohamed Saadan. O escritor e artista plástico marroquino Mahi Binebine partilha connosco, em conversa com o seu e nosso amigo José Alberto Alegria, memórias fantásticas dos tempos dos contadores de histórias e uma leitura contemporânea da realidade cultural do seu país.

A pirataria argelina que assolou a costa do Algarve leva-nos um pouco mais para leste, quando António Jorge Afonso relata as peripécias do lacobrigense Abraão Cardozo.

O Sul depende sempre do ponto de vista do observador e, por isso, Manuel Jorge Marmelo se sente sempre meridional, quer esteja em Castelo de Vide ou no Pólo Sul, e nos lembra que para os marroquinos o Algarve fica a norte. Tal como Maria Adelina Amorim situa a morte, a matança actual, a norte (para os turcos a Ucrânia fica a norte, assim como para habitantes do hemisfério sul). Dora Gago foi de Macau, a sul, para Florença, onde as memórias de infância irromperam a relembrar as fragâncias das ervas medicinais colhidas nos campos de São Brás de Alportel com a sua bisavó.

Nuno Júdice celebra 50 anos de uma fulgurante carreira literária, reconhecida e premiada internacionalmente em ambos os hemisférios. Como escreve Luís Castro Mendes, outro poeta algarvio que apresenta aqui uma resenha do livro *50 anos de poesia, antologia pessoal*, Júdice brinca com as palavras e, sem se comprometer com nenhuma corrente de escrita, é dos autores que ficam e fundam:

*Rir com a seriedade de uma criança que brinca e atravessar com esse riso o temor e o tremor de cada poema é a grande singularidade de Nuno Júdice como poeta, o que lhe confere um perfil único e marcante na história da nossa poesia. Nuno Júdice assume a solidão de um poeta forte (no sentido de Bloom). Não anima grupos, não adere a correntes, não procura epígonos. A sua poesia é das que ficam e fundam.*

A *Meridional, Revista de Estudos do Mediterrâneo* é um projecto colectivo concebido pelo Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, sedado em Portimão. É uma publicação anual que preenche as condições exigidas para ser uma revista indexada (com conselheiros científicos, avaliadores externos, resumos e abstracts e títulos bilingues), sem que tal a remeta para um nicho exclusivamente académico. É rigorosa, exigente, versátil e criativa, obra aberta.

**DOSSIÊ  
TEMÁTICO:  
O MAR NEGRO**

*THEMATIC DOSSIER: THE BLACK SEA*



Interroga-se Predrag Matvejevitch no seu *Breviário mediterrânico* sobre se o mar Negro é uma extensão do Mediterrâneo. Nós achamos que sim. As suas cidades litorais sempre foram tão cosmopolitas como as cidades mediterrânicas. Odessa era um lugar de encontro entre povos eslavos e mediterrânicos. Uma cidade meridional onde – como escreveu Isaac Babel – “as noites primaveris são doces e lânguidas, e perfumadas pelo aroma das acácias, e a lua estende o seu manto de luz sobre o mar obscuro.” No mar Negro, no Verão, as águas são tão quentes como no Mediterrâneo. E ao sul – escreve Matvejevitch –, “ao abrigo dos montes da Crimeia, crescem aqui e além oliveiras, figueiras, vinhedos”.

Por isso, nesta segunda travessia mediterrânica, escolhemos para tema do Dossiê “O mar Negro”.

Rui Bebiano, oferece-nos uma síntese histórica da evolução da região, desde a instalação dos antigos gregos até à atualidade, mostrando de que modo a geografia determina os conflitos de interesses entre potências e povos de que a atual guerra é dramático exemplo.

Tamta Melashvili, escritora georgiana, fala-nos do seu país, a Geórgia, a partir de muitos ângulos distintos: história, arte, literatura e as actuais turbulências na região, contando brevemente a história de um pequeno país que conquistou a sua independência há mais de trinta anos, embora continue ainda a lutar para marcar o seu próprio lugar no mundo.

E João B. Ventura, inspirado pela leitura da obra de Isaac Babel, em particular dos *Contos de Odessa*, guia-nos numa viagem imaginária a Odessa, através das representações literárias inscritas em obras que a celebraram como cidade meridional, sem esquecer a ameaça de fogo russo que, por estes dias sombrios, paira sobre a cidade.

# MAR NEGRO: UMA HISTÓRIA EM MOVIMENTO

*BLACK SEA: A MOVING STORY*

Rui Bebiano

Convidado / *Invited:*

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

**ruibebiano@gmail.com**

Submissão / *Submission* – 13/9/2022

Aceitação / *Acceptance* – 20/9/2022

## RESUMO

O recente conflito militar que recentemente envolveu a Ucrânia e a Rússia na região do Mar Negro, com consequências cujas ondas de choque vão muito para além dela, é apenas mais um entre as centenas que, ao longo de milénios, ali foram sendo travadas. Este artigo apresenta uma síntese histórica da evolução da região, desde a instalação dos antigos gregos até à atualidade, mostrando de que forma ela teve sempre como determinante o conflito de interesses entre potências e povos – citas, gregos, romanos, godos, bizantinos, otomanos, russos, entre muitos outros – que a foram habitando e procuraram moldar o seu destino. Ao mesmo tempo, pretende mostrar de que forma este vasto espaço de terra e de mar incluiu sempre, e continua a incluir, uma multiplicidade de povos e de culturas que foi alimentando a sua riqueza, a sua diversidade e a sua transformação.

*Palavras-chave: história; guerra; Rússia; Ucrânia*

## ABSTRACT

*The recent military conflict involving Ukraine and Russia in the Black Sea region, with consequences whose shock waves go far beyond it, is just one more among the hundreds that, over millennia, have been fought in that area. This article presents a historical overview of the region's evolution, from the settlement of the ancient Greeks to the present day, showing how it has always been determined by the conflict of interests between powers and peoples - Scythians, Greeks, Romans, Goths, Byzantines, Ottomans, Russians and many others - who have inhabited it and sought to shape its destiny. At the same time, the article aims to show how this vast space of land and sea has always included, and still includes a multiplicity of peoples and cultures that have nurtured its richness, its diversity and its transformation.*

*Keywords: history; war; Russia; Ukraine*

Na biografia de Istambul que escreveu em registo autobiográfico, Orhan Pamuk fala da relação da sua cidade com as águas do Bósforo, nela apresentadas como um persistente testemunho «da liberdade e da força de um mar profundo, poderoso e desinquieto»<sup>1</sup>. Associadas à vivência pessoal do estreito fronteiro que liga o Mar de Mármara, os Dardanelos e depois o Egeu e o Mediterrâneo ao Mar Negro, as palavras de Pamuk referiam-se a este último, vincando a forma como tem condicionado poderosamente as regiões que o flanqueiam e quem as habita. Quando a presente ofensiva militar da Rússia chama a atenção do mundo para aquela ampla área limítrofe da Europa, assim como para o drama que se encontra a ser vivido pelos seus povos, justifica-se, na procura de um entendimento da sua unidade e da sua identidade, uma observação do papel histórico, cultural e geopolítico desse mar quase cerrado e sempre inquieto, frequente testemunha do choque de poderes e do clamor da guerra.

### 1.

Ao contrário do Mediterrâneo, que parte significativa dos habitantes do continente europeu cedo começaram a olhar como um mar quase privado, que lhes pertencia e que bem conheciam – no rastro desse «Mare Nostrum» que para os romanos ao mesmo tempo servira de sustento e de veículo de transporte, ajudando a afirmar o seu poder e a defendê-lo – durante largos séculos o Mar Negro foi olhado como espaço inóspito e aventuroso, dotado de denominações cuja mutabilidade revela uma diversidade de perspetivas. Em 1765, na curiosa entrada que escreveu para a *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert, Louis de Jaucourt descrevia-o como um «lago asiático» que diferentes autores da antiguidade clássica foram designando de formas variadas: «Foi chamado *Pontus Amazonius* por Claudiano, *Pontus Scyiticus* por Valério Flaco, *Scyiticus sinus* por Martianus Capella, *Pontus Tauricus* por Festus Avienus, *mare Cimmericum* por Orósio, *mare Colchicum* por Estrabão, *mare Caucaseum* por Apolónio, *mare Ponticum* por Tácito e Plutarco, *Phasianum mare* por Aristides, *Sarmaticum mare* por Ovídio, *mare Boreale* por Heródoto. Procópio afirma que os Godos o chamavam de *Tanaïs*», lembrando ainda Jaucourt, que «os italianos lhe dão hoje o nome de *mare Majore*, os turcos o de *Kara-Denis* e os franceses o de *mer Noire*»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Pamuk, Orhan (2008) [2003]. *Istambul. Memórias de uma Cidade*. Lisboa: Editorial Presença, 58.

<sup>2</sup> Jaucourt, Louis de (1765). «Pont-Euxin». In *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. Paris: Chez Brisson, vol. XIII, 77b-78b.

Idêntica variedade pode ser encontrada no modo como as populações das suas margens ou dos territórios vizinhos nomeavam aquela vastidão de águas navegáveis, omnipresente no seu horizonte e nas suas preocupações. Nos últimos séculos, todavia, o nome mais consensual terá sido o de «Pontus Euxinus», versão latinizada da designação grega, *Εύξεινος Πόντος*, ou «Efxinos Pontos», que pode ser traduzida como «mar hospitaleiro». A expressão aplicava-se, de facto, a uma região na qual, a partir de um certo momento, fora possível aos povos helenos manterem colónias estáveis e dotadas de alguma prosperidade. Já a designação «Mar Negro», de um modo evidente associada à cor extremamente escura das suas águas, «de ondas curtas e violentas» como notava ainda Jaucourt, e por vezes também a algumas das características temporárias do céu e do clima intranquilo que numerosas vezes o rodeia, apesar de igualmente antiga apenas se generalizou entre os turcos a partir do século XVIII e no ocidente europeu ao longo do seguinte <sup>3</sup>.

Paradoxalmente, a volubilidade das designações do Mar Negro aplicou-se a uma região marítima e terrestre que a geografia física mostra como de longa data bastante estável. A geomorfologia reconhece que pelos finais da idade do gelo, há cerca de 18.000 a 20.000 anos, as suas águas se reuniram num pequeno lago, resultado provável do degelo e de movimentos de origem cataclísmica, mas desde há sensivelmente sete ou oito milhares que – retirada a extensão do pequeno Mar de Azov, o Lago Meótis da Antiguidade Clássica, a ele ligado pelo estreito de Kerch – se tem mantido a ocupar os mesmos cerca de 436.400 quilómetros quadrados, o que representa sensivelmente o dobro do Cáspio e a sexta parte do Mediterrâneo. Ao mesmo tempo, a amplitude da costa, desdobrada ao longo de 5.800 quilómetros, manteve-se sem grandes alterações morfológicas, assistindo à circulação de múltiplos povos e à formação de diferentes e móveis unidades políticas, dotadas de fronteiras pouco fixas que confirmam uma história complexa e movimentada, ainda que, nos mapas de que hoje nos servimos, apenas a Ucrânia, a Turquia, a Rússia, a Bulgária, a Geórgia e a Roménia partilhem os contornos dessa linha costeira.

Esta constante mudança encontra-se associada a deslocamentos de grupos humanos de múltiplas origens geográficas e étnicas, e também de diferentes identidades culturais e linguísticas, que a arqueologia e a história com segurança podem hoje testemunhar. De forma inequívoca, têm sido encontradas

<sup>3</sup>Veja-se Öztürk, Özhan (2016). *Pontus*. Ankara: Nika Yayınları.

nesta região marcas de povos ou de grupos humanos tão diversos, para referir apenas aqueles dos quais é possível rastrear uma presença mais longa e ruidosa, como os hititas, os cários, os colquidianos, os trácios, os persas, os cimerios, os citas, os gregos, os romanos, os bizantinos, os godos, os hunos, os avaros, os eslavos, os varegues, os venezianos, os genoveses, os georgianos, os búlgaros, os tártaros e os otomanos. Ainda que de forma menos constante, podem juntar-se a estes as movimentações de viquingues e mesmo de grupos de cruzados, todos envolvidos numa complexa teia de deslocações, conflitos, conquistas, alianças, retiradas e eclipses.

Todavia, para quem vivia a oeste do Estreito do Bósforo, esse agitado universo permaneceu por muito tempo ignorado. Quando os antigos gregos chegaram ao mar que ali se abria, acreditaram estar, literalmente, no limiar do mundo que conheciam, dentro da perspectiva mítica então dominante, como um vasto território cercado por um outro ainda maior, habitado sobretudo por monstros, seres híbridos, semideuses e heróis que apenas podiam imaginar. Séculos depois, o exílio do poeta romano Ovídio, no tempo de Augusto, devido ao seu compromisso com os ideais políticos da República, forçado a ir viver para Tómis – a atual Constança, então uma pequena colônia da Cítia Menor – ainda denunciava a perspectiva de «fim do mundo», de região de desterro, conferida por quem habitava a ocidente àquelas paragens <sup>4</sup>.

Duas lendas, a das Amazonas e a dos Argonautas, remetem para o fascínio de paragens desconhecidas que, no entanto, os habitantes da Hélade situavam naquela região e sabiam povoadas. A das Amazonas, referia-se a componentes da antiga nação de mulheres guerreiras, de longa data referidas na mitologia como descendentes de Ares, o deus da guerra, e da ninfa Harmonia – com um fundo, ainda que mais modesto, de verdade histórica, existindo relatos de campanhas militares na Anatólia protagonizadas por mulheres-guerreiras – que foram colocadas por Heródoto a habitar junto à fronteira da Cítia, na Sarmácia, bem além daquele que é hoje o Mar de Azov. Já a viagem lendária dos Argonautas, que conduziu no navio Argo os bravos marinheiros chefiados por Jasão em busca do mágico velo do ouro, capaz de conferir uma forma sagrada de força e de poder a quem o detivesse, ter-se-ia dirigido, de acordo com uma

<sup>4</sup> Grebe, Sabine (2010). «Why Did Ovid Associate His Exile with a Living Death?». *Classical World*, 103.4, 491–509.

leitura geográfica da lenda, até à Cólquida, região situada ao Sul do Cáucaso e por isso bem a leste, mas nas margens do Mar Negro.

## 2.

A história revela trajetos e formas de poder já identificados com maior precisão. Na tentativa de definir alguma consistência narrativa ao percurso temporal da ocupação política do Mar Negro, o historiador Charles King propõe cinco etapas balizadas de uma forma relativamente precisa, associando-lhe a afirmação dos grandes poderes que dominaram a região<sup>5</sup>. A primeira, a mais longa, decorreu sensivelmente entre 700 a. C e 500 da nossa era, tendo como determinante a chegada à região dos gregos, e séculos depois a dos romanos, uns e outros em condições de impor formas de poder estáveis. A segunda etapa, que vai sensivelmente desde 501 até ao ano de 1500, correspondeu na maior parte do tempo ao domínio político e militar da cidade de Bizâncio. A terceira, entre 1500 e 1700, incorporou a expansão e a capacidade para exercer uma forte autoridade, tanto no mar quanto em terra, por parte do Império Otomano. A quarta, que decorreu entre 1700 e 1860, correspondeu a uma primeira fase de afirmação política e territorial da Rússia. E a quinta etapa, que King estendeu de 1860 até à década de 1990, comporta o reconhecimento da área como um espaço em larga medida pautado por um equilíbrio instável de diferentes soberanias.

A abrir a primeira etapa, sensivelmente a partir do século VI a.C., o crescimento da atividade comercial das colónias gregas que se foram estabelecendo, não só permitiu um reconhecimento mais completo da região e dos seus naturais pelos colonos vindos do Oeste, como permitiu de forma duradoura o estabelecimento de uma rede marítima interna em condições de desenvolver um sistema de trocas que se estendeu até ao Egeu e ao Mediterrâneo. Por cerca de 1.200 anos, todavia, a forma como o poderio militar dos gregos se foi exercendo – jamais, é sabido, como um império uno e centralizado – confirma que a maioria das populações da região vivia politicamente num estado de autarcia, por hábito sem possuírem inimigos mais temíveis, ou de facto mais perigosos, que os seus vizinhos mais próximos.

<sup>5</sup> King, Charles (2005). *The Black Sea. A History*. Oxford: Oxford University Press.  
<https://doi.org/10.1093/0199241619.001.0001>

Num curso de centenas de anos, e embora nem sempre de forma pacífica, teve lugar na região a construção de um espaço de encontro de culturas e de um processo de miscigenação de algumas populações locais com os gregos que tendia a afirmar-se em oposição àqueles a que Heródoto se referia como «bárbaros», basicamente os citas e outros povos não-integrados e julgados imprevisíveis, que habitavam mais além, na direção do Leste. O «pai da História» refere a figura do filósofo Anacársis como um importante sábio cita, cuja importância destaca precisamente por se tratar de uma personalidade excepcional, diferenciada dos seus imprevisíveis e ferozes concidadãos apenas porque tinha viajado até Atenas e, como homem dotado de particular inteligência, ali tinha aprendido junto dos seus cidadãos as formas de convivalidade julgadas adequadas <sup>6</sup>.

Todavia, em pleno século II da nossa era, Arriano de Nicomédia, de origem grega, mas já inteiramente romanizado, hoje conhecido por ser a principal fonte histórica para conhecer as campanhas militares de Alexandre, o Grande, escreveu – após Estrabão ter concebido a sua *Geografia*, obra que apesar do detalhe e da monumentalidade era para esta região ainda bastante imprecisa, pois misturava lendas, suposições e dados objetivos – um relato bem mais positivo da extensa viagem que realizou através do Mar Negro <sup>7</sup>. No *Périplo do Ponto Euxino*, concebido na forma de uma carta dirigida ao imperador Adriano, Arriano revelou já um conhecimento bastante detalhado, quer das suas regiões costeiras, quer dos povos que as habitavam ou que com elas mantinham comércio e travavam guerras <sup>8</sup>. Ultrapassadas as enormes dificuldades experimentadas pelos romanos para fazer frente a um dos seus mais formidáveis inimigos localizados na área, Mitrídates VI, o rei de Ponto, o texto de Arriano confirma já uma nova relação de forças e o exercício da autoridade por parte de Roma, que, cerca de dois séculos antes, o cônsul, triúmviro e general Pompeu ali começara a impor.

A segunda etapa iniciou-se por volta do ano 500, tendo como fator determinante a afirmação do Império Romano do Oriente, que conferiu uma centralidade administrativa essencial a Bizâncio, a cidade que chegou a ser conhe-

<sup>6</sup> Referido em King, Charles. Op. cit.

<sup>7</sup> Veja-se Wheeler, E. L. (1977). *Flavius Arrianus: a political and military biography*. Durham: Duke University.

<sup>8</sup> Sobre as navegações nesta época e na região veja-se Arnaud, Pascal (2020). *Les Routes de la Navigation Antique: Itinéraires en Méditerranée et Mer Noire*. Paris: Errance.



cida como Constantinopla, hoje Istambul. Conscientes da grande dificuldade em impor apenas pela via do sistema de trocas já instalado o seu domínio sobre costas que, como lembrou Procópio de Cesareia logo no século VI, estavam infestadas de tribos hostis<sup>9</sup>, os bizantinos desenvolveram de uma forma particular a arte da guerra nas águas marítimas. Povoaram assim o Mar Negro, como também uma boa parte do Mediterrâneo, com barcos de guerra dotados de uma capacidade bélica até aí nunca vista, projetando duas táticas inovadoras que durante séculos lhes foram assegurando uma grande vantagem nas batalhas e conflitos ali travados, espalhando o medo entre os seus inimigos. Foram elas o uso dos navios como armas de arremesso, lançadas de maneira brutal contra os barcos das armadas inimigas, e o recurso ao «fogo-greguês», um processo químico incendiário, obtido a partir de uma fórmula secreta jamais desvendada, que deixava os inimigos sem capacidade de resposta.

O poderio de Bizâncio sobre as águas do Mar Negro e sobre os territórios que o circundavam, traduzido tanto em processos de administração de populações como numa gestão sistemática das ligações comerciais da Europa com as regiões a oriente, deveu-se também em larga medida – vivia-se então a era de Marco Polo – a ter servido de interlocutor e de aliado dos interesses das ricas e poderosas repúblicas marítimas de Veneza e de Génova. Ao mesmo tempo, a sua capacidade militar manteve-se de tal modo significativa que pôde ser conservada por perto de mil anos, tendo mesmo sobrevivido, no curso dos séculos IX e X, ao poderio de um povo guerreiro e nómada, invasor da região, como os pechenegues, e depois, no século XIII e XIV, à chegada dos temíveis e agressivos mongóis, então na fase inicial de expansão daquele que em breve seria o seu poderoso e nada pacífico império<sup>10</sup>.

A terceira etapa, iniciada por volta de 1500 e com uma duração de cerca de 200 anos, contou principalmente com a rápida imposição, iniciada em confronto com o poderio bizantino e em sua substituição, do Império Otomano. O domínio do Kara-Deniz – como anoutou Jaucourt, a designação usada pelos otomanos para o mar sobre o qual estavam a ampliar a sua autoridade – cresceu numa tal dimensão que o sultão passou a ostentar o título de «senhor dos

<sup>9</sup> Referido em King, Charles. Op. cit.

<sup>10</sup> Ciociltan, Virgil (2012). *The Mongols and the Black Sea in the Thirteenth and Fourteenth Centuries*. Leiden: Brill.

dois mares», o Egeu e o Negro, cujos barcos navegavam agora sem rivais à altura. Ao mesmo tempo, da foz do Dniepre à do Don, isto é, de oeste a leste da costa norte, passando pela península da Crimeia, até ao espaço político estabelecido na Anatólia e gradualmente estendido até aos Balcãs, ia anexando sucessivos territórios do litoral, transformados em sanjaks, ou subprovíncias, tendo este processo sido iniciado antes ainda da conquista de Constantinopla por Maomé II em 1453, a data que assinalou formalmente o fim do Império Romano do Oriente.

É nesta fase que a região peninsular da Crimeia ganha pela primeira vez particular importância. Não apenas por ser parte importante do poderio territorial turco na região, mas também porque passou a servir de ponto de partida para os contactos dos emissários do sultão com os poderes que, a partir dos finais do século XVI, tinham começado a emergir na região da Moscóvia. Iniciava-se então a afirmação desse grande império russo cuja figura fundadora e



Figura 1 - Representação do Mar Negro por Diogo Homem, Atlas del Mediterráneo, Edition 14, c. 1561. Facsimile, Museo Naval de Madrid.

unificadora foi o grão-príncipe Ivan IV, cognominado o Terrível, primeiro czar «de todas as Rússias», cuja relevância histórica e simbólica se associa ainda, com frequência, à construção plástica de uma memória da majestade imperial promovida pelo notável filme soviético de Sergei Eisenstein. Uma emergência que viria a determinar, já pelos finais do século XVI, o início de um claro recuo do poderio otomano. Este prendeu-se também, aliás, com a chegada à região dos aguerridos cossacos, cujo agressividade, tanto terrestre como naval, faria com que o Mar Negro deixasse então de ser um «lago interior» relativamente pacificado e integrado no império otomano.

A quarta etapa, proposta por King, do processo de transformação estratégica no domínio do Mar Negro inicia-se sensivelmente ao redor de 1700, tendo sido pautada pela acentuada centralização do poder da Rússia e pela sua crescente influência nas regiões em redor do seu império. Ao Norte e a Sul, a nova grande autoridade da Moscóvia, ao mesmo tempo europeia e asiática, volta-se agora para o mar, conduzindo a escolhas políticas com um grande impacto, quer nos territórios que circundavam as águas do antigo «Ponto Euxino», quer na renovada arena internacional, que nesta integrava estados altamente centralizados nos quais pontificavam formas, com frequência divinizadas, de poder absoluto <sup>11</sup>. São aqui decisivos dois períodos da intervenção na região protagonizados por duas personalidades centralizadoras e despóticas, ambas apostadas numa modernização acelerada do império russo: Pedro I, czar e depois imperador entre 1682 a 1725, e décadas mais tarde, Catarina II, no trono entre 1762 e 1796.

Quando Pedro I subiu ao trono, os seus domínios tinham acesso a um mar facilmente navegável ainda apenas através de um único grande porto, o de Arcangelsk, situado no Mar Branco, mas mesmo este via-se durante uma boa parte do ano bloqueado pelo avanço dos grandes gelos. A nova política expansionista russa começou por procurar desenvolver formas de acesso e de navegação no Báltico, afrontando os interesses da então poderosa Suécia. Porém, o objetivo primordial voltou-se para a instalação de bons portos a Sul, principalmente na Crimeia, e mais adiante também Novorossiisk, destinados a permitir um tráfego menos dependente da presença otomana. Foi por isso

<sup>11</sup> Veja-se Dukes, Paul (2014). *The Making of Russian Absolutism. 1613-1801*. London: Routledge.

que a Rússia centrou aqui a sua política militar, tendo sido crucial a conquista, em 1696, da fortaleza de Azov, e, a partir dela, a abertura para uma navegação mais arrojada do Mar Negro, apoiada numa armada em permanente crescimento e cada vez mais bem equipada.

Catarina levará ainda mais longe esta política de expansão<sup>12</sup>. Para si e para os seus conselheiros, em particular para o seu próximo, o influente Grigorii Potemkin, a modernização da Rússia passava, de forma indispensável, pela eliminação completa e definitiva da ameaça turca muçulmana, bem como pela restauração da soberania cristã sobre Constantinopla, tornando-se por isso crítica a necessidade de domínio do mar localizado a Sul.

Durante o seu reinado foram travadas contra os otomanos duas ferozes guerras, ambas favoráveis ao poder instalado agora em São Petersburgo. A primeira teve lugar entre 1768 e 1774 e determinou algumas das piores derrotas turcas da história, incluindo, em 1770, a das batalhas de Chesma e de Kagul. Estas forneceram à administração de Catarina um acesso integral ao mar Negro e levaram à incorporação de portos do Sul da atual Ucrânia, onde os russos fundaram as novas cidades de Odessa, Sebastopol, Nikolaev, Yekaterinoslav (literalmente, «a glória de Catarina») e Kherson. O Tratado de Küçük Kaynarca, assinado em 1774, atribuiu ainda à Rússia as províncias de Azov, Kerch, Yenikale, Kinburn e uma linha de costa entre os rios Dniepre e Bug, pondo termo às restrições impostas à marinha russa e ao comércio no mar de Azov, e garantindo à Rússia uma posição de proteção dos cristãos no Império Otomano, fazendo ainda da Crimeia um seu protetorado. Entre 1787 e 1792 uma segunda guerra russo-turca completaria este processo, levando à anexação formal da Crimeia e colocando uma grande parte do Mar Negro sob a incontestada bandeira e a soberania de Catarina, a Grande.

### 3.

Caraterizada a maior parte do tempo por um maior equilíbrio dos interesses soberanos na região, pelos meados do século XIX inicia-se a quinta e última etapa das propostas por King, que aquele fechou na década de 1990, mas aqui se expande até ao presente. Será útil, todavia, repartir esta etapa final por quatro fases que correspondem a diferentes momentos da continuada luta pelo

<sup>12</sup> Alexander, John T. (1988). *Catherine the Great: Life and Legend*. New York: Oxford University Press.

domínio do Mar Negro.

A primeira destas fases resultou da Guerra da Crimeia, travada entre 1853 e 1856, nos Balcãs, no Sul da Rússia e na península da Crimeia, envolvendo, de um lado, o Reino Unido, a França, a Sardenha, com os tradicionais inimigos otomanos transformados em aliados e ainda o apoio dos austríacos, estando do lado oposto o exército e a armada do Império Russo. A evolução da guerra, progressivamente desfavorável à Rússia, cujo poder na região durante décadas parecera impossível de conter, abria os portos do Mar Negro a um comércio agora em boa medida subordinado aos interesses das potências europeias sediadas a oeste dos Urais<sup>13</sup>. Provocando centenas de milhares de mortos, esta guerra, uma das mais mortíferas da história antes da ocorrência do conflito mundial de 1914-1918, terá sido, como já tem sido referido, essencial para, de um lado, instalar na Rússia uma animosidade «antiocidental» que até aos dias de hoje não mais esmoreceu, e do outro, iniciar o processo de recuo da influência interna e externa do poder czarista, notória já durante a revolução de 1905 – à qual está associado o conhecido episódio vivido com a revolta dos marinheiros do couraçado Potemkine, ocorrida entre Sebastopol e Odessa – e que culminaria, em 1917, com o derrube revolucionário de Nicolau II e a instalação em escassos meses de um regime de socialismo de estado.

A segunda fase teve lugar durante a Primeira Guerra Mundial, quando os turcos, na altura aliados dos alemães, procuraram destruir o poderio russo numa região que pretendiam voltar a controlar, o que nas vésperas da Revolução de 1917 parecia em vias de acontecer. Durante o conflito, o Mar Negro representou um significativo teatro de guerra, tendo desde logo um grande impacto a surtida naval otomana, com a cumplicidade e o apoio da Alemanha, lançada contra os portos russos e iniciada a 29 de outubro de 1914. Esta conduziu à intervenção de Moscovo na recém-iniciada guerra, tendo as operações para o controlo soberano da área sido traduzida em numerosos e complexos combates marítimos envolvendo a Frota do Mar Negro e as forças coligadas turcas e alemãs. Tudo mudou, todavia, com a revolução trazida pelos bolcheviques, tendo a Guerra Civil, que devastou a Rússia entre 1917 e 1923, alterado o sentido dos combates ali travados, agora destinados sobretudo a

<sup>13</sup> Bamgart, Winfried (2002). *The Crimean War, 1853–1856*. Dunmore: Arnold Publishers.

encontrar uma solução política para o governo revolucionário. Tropas inglesas, holandesas e norte-americanas chegaram mesmo, em apoio dos Brancos, a entrar em portos da Crimeia e da Geórgia, tendo sido na região da atual Ucrânia, em terra, mas também no mar, que se travaram alguns dos combates decisivos para a vitória final do Exército Vermelho<sup>14</sup>.

A terceira fase, acompanhou sensivelmente o surgimento e o fim da União Soviética, renovando o papel decisivo das forças de Moscovo na região, particularmente estimulada pela política de «socialismo num só país» que, após derrotados os setores bolcheviques partidários de uma revolução mundial que se lhe opunham, Estaline impôs a partir dos finais da década de 1920. Durante a Segunda Guerra Mundial o Mar Negro assistiu também a numerosos combates, particularmente impostos pelas tentativas de conquista e controlo sobre as suas águas e áreas costeiras impostas pelos alemães. Fundada ainda por Potemkine nos finais do século XVIII, a Frota do Mar Negro alcançará nesta fase, e de uma forma ainda mais intensa a partir do início da Guerra Fria, uma importância decisiva na dissuasão de uma presença ocidental capaz de pôr em causa os interesses russos, ou soviéticos, na região. Após o final da guerra, as «democracias populares» da Roménia e da Bulgária desempenharam também um papel importante no controlo da Península Balcânica, em particular na área oriental do Mar Negro, afastando quaisquer formas de intervenção das armadas dos países ocidentais, já que, com a exceção da Turquia, as suas costas ficaram, no imediato pós-guerra, plenamente sob o controlo da União Soviética e estrategicamente integradas no seu campo de influência militar e política.

A última fase desta etapa, a quarta, inicia-se com o enorme terremoto político causado pela súbita derrocada do modelo político, económico e militar, do «socialismo realmente existente» e, em dezembro de 1991, com a da própria União Soviética. Abordar-se-á adiante o impacto dos acontecimentos na reorganização dos equilíbrios de poder na região do Mar Negro, particularmente abalados, no que respeita aos interesses da Rússia, pela independência da Ucrânia, cujo vasto território em boa medida se projetou sobre áreas que, praticamente desde os tempos de Catarina, Moscovo se havia habituado a controlar sem grande resistência. Por cerca de duas décadas a

<sup>14</sup> Kenez, Peter (1977). *Civil War in South Russia, 1919–1920: The Defeat of the Whites*. Berkeley: University of California Press.

região pareceu até ter perdido boa parte do seu interesse estratégico, embora seja esta uma situação que recentemente sofreu um grande volte-face.

#### 4.

Importa sublinhar que deslocações, encontros e conflitos decorreram na história do Mar Negro sobre um rico e complexo território multicultural, perdurável mesmo nos períodos em que os poderes e os impérios mais impositivos se esforçaram por estabelecer um modelo e uma perspectiva unívoca do mundo e da história, em condições de se sobreporem temporariamente a todos os concorrentes. Esta variedade pode ser compreendida, ainda que apenas em parte, por um olhar projetado sobre a Crimeia, uma das suas superfícies com maior destaque no curso da história, em particular nos últimos dois séculos, bem como pelo papel representado por Odessa, como cidade, a leste da península mas com ela económica e culturalmente intensamente relacionada, dotada de uma biografia e de um impacto específicos no que respeita a essa marca de diversidade e cosmopolitismo.

No livro que publicou sobre a península, Orlando Figes sustenta uma tese curiosa, sobre a qual é possível olhar como sobre um exercício de observação destinado a descobrir ângulos mortos. Sendo essencialmente a obra sobre a Guerra da Crimeia, Figes sustenta que, pelos meados do século XIX, esta terá representado «a última cruzada do ocidente», ainda que tenha sido lançada contra um estado cristão, a Rússia, e tenha reunido entre os «cruzados» que o combateram numerosos muçulmanos, na altura organizados sob a bandeira turca<sup>15</sup>. Na realidade, o que Figes pretende ao apresentar esta ideia é demonstrar que esta «guerra do Leste», como na época ela foi designada no Reino Unido, configurou, muito provavelmente, aquela que terá sido a última tentativa ocidental para impor uma supremacia militar sobre a parte oriental do Velho Continente, já que o conflito se travou, na realidade, sobre um território bem mais vasto que o daquela península, indo dos Balcãs até Jerusalém, e de Constantinopla à região do Cáucaso.

Ao mesmo tempo, dado ter sido este o primeiro grande conflito a ser coberto pela imprensa e a ter um imediato impacto junto da opinião pública, as suas operações obtiveram um respaldo político tendente a criar, junto desta, a

<sup>15</sup> Figes, Orlando (2010). *Crimea. The Last Crusade*. London: Penguin Books.



ideia de se tratar de uma campanha dirigida contra aquele que alguns políticos e vários jornalistas apresentaram então como um ambicioso e ameaçador inimigo externo<sup>16</sup>. Vale a pena recordar o importante papel, neste ambiente de campanha, da divulgação de gestos e comportamentos tomados como heróicos, como aconteceu com o ainda hoje conhecido episódio da Carga da Brigada Ligeira e da iniciativa no terreno da enfermeira Florence Nightingale, e da imediata construção em diversas cidades dos estados vencedores de monumentos memoriais. Mas o historiador inglês chama particular, atenção para justificar o seu argumento, para o facto de o conflito visar em boa parte pôr travão à influência da Igreja ortodoxa russa, já então confundida com as ambições expansionistas do poder político e com os ideais nacionalistas pan-eslavistas emergentes, que nela assentavam boa parte da sua identidade<sup>17</sup>.

De interesse para se compreender a diversidade cultural que envolvia a área do Mar Negro, mostrando a sua importância como lugar de, ao mesmo tempo, encontro e desencontro de povos, é olhar para a história recente de Odessa, a cidade-porto do sudoeste da Ucrânia, hoje terceira cidade do país em número de habitantes, refundada a partir de uma pequena localidade costeira, consideravelmente ampliada e dinamizada no tempo de Catarina II. A antropóloga e cientista política Tanya Richardson, que a tem visitado inúmeras vezes, lembra, em *Kaleidoscopic Odessa*<sup>18</sup>, o seu carácter intenso e singular advindo de uma cultura complexa, de uma história sinuosa feita de camadas sobrepostas, de um cosmopolitismo que alimentou um forte sentimento de pertença e, entre os seus naturais, até de missão. Entre a cidade aberta, de clima ameno, projetando de leste a oeste a imagem panorâmica de um cenário integrador de diferentes culturas e modos de vida, e a cidade soviética, transformada a partir do filme *Couraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein, como símbolo de esperança de uma redenção humana colocada à escala planetária, Odessa tem percorrido um trajeto pautado pela permanente de diversidade e pela miscigenação<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> Sobre a Guerra da Crimeia e o seu impacto veja-se também Rath, Andrew C. (2015). *The Crimean War in Imperial Context, 1854–1856*. London: Palgrave Macmillan.

<sup>17</sup> Veja-se Tuminez, Astrid S. (2000). *Russian Nationalism since 1856: Ideology and the Making of Foreign Policy*. London: Routledge.

<sup>18</sup> Richardson, Tanya (2008). *Kaleidoscopic Odessa: History and Place in Contemporary Ukraine*. Toronto: University of Toronto Press.

<sup>19</sup> Os próximos parágrafos retomam parcialmente um texto por mim escrito há cerca de uma década: Bebiano, Rui (2013), «Odessa, Cidade-Escrita». *Ler*, nº 129, 82-83.



A *cidade aberta* nasceu tardiamente. Em *The Innocents Abroad*, Mark Twain refere a visita que lhe fez no ano de 1867 para evocar a estranha sensação de regresso, num cenário menos inesperado e «oriental» do que presumira, à América das ruas amplas, modernas e vibrantes que havia deixado<sup>20</sup>. Quando aportou a Odessa, todavia, algum caminho fora já percorrido desde que em 1794 a nova urbe fora fundada sobre o lugarejo encostado ao fortim turco de Hadjibey. Para isso fora decisiva a intervenção do já referido Grigori Potemkin, o favorito de Catarina que partira para o sul com a missão de alargar a soberania russa sobre a região do Mar Negro, repelindo a ameaça otomana. O levantamento da cidade como centro administrativo e militar seria depois da responsabilidade de José de Ribas, almirante de origem hispano-irlandesa que após a partida de Potemkin ali passou a representar os interesses da remota São Petersburgo. A Ribas, como depois a Richelieu e a Langéron, nobres franceses que tinham combatido Napoleão em terras russas e ali haviam ficado, bem como a Mikhail Vorontsov, governador militar da região por cerca de 30 anos, ficará a dever-se a transformação da cidade no primeiro grande porto do império, projetando a expansão urbana e a abertura que maravilharam Twain.

Este crescimento não dependia apenas das medidas administrativas e metas políticas impostas pelos representantes do poder central, mas também da capacidade de atrair habitantes e de erguer o polo de dinamismo político e comercial que se esperava de uma cidade situada num dos limites mais instáveis do império. O desenvolvimento foi rápido: do nada, em 100 anos Odessa chegou ao meio milhão de habitantes. Mais importante ainda era a sua variedade humana: russos, naturalmente, muitos deles naturais da atual Ucrânia, e muita gente vinda dos meios rurais da Crimeia e da Bessarábia, mas também imigrantes albaneses, búlgaros, arménios, azeris, franceses, alemães, gregos, italianos, turcos, polacos ou judeus. O poeta Pushkin, que aqui viveu em regime de exílio interno entre 1823 e 1824, falava em carta a um amigo de um «ar cheio de toda a Europa», do carácter multilingue das conversas, das facilidades que ali encontrava para obter livros e jornais que chegavam de todo o lado.

A comunidade judaica, em particular, cresceu rapidamente, distribuindo-se pela cidade de um modo uniforme, sem se concentrar em guetos ou

<sup>20</sup> Veja-se Twain, Mark (2011) [1865]. *The Innocents Abroad*. York: Empire Books.

áreas exclusivas, como acontecera noutras cidades do leste europeu. Parte substancial da prosperidade económica e demográfica, bem como da intensa vida intelectual de Odessa, ficou a dever-se à sua presença. No autobiográfico *Uma história de Amor e Trevas*, o escritor Amoz Oz<sup>21</sup> evoca o carácter vivaz desse peculiar universo de matriz judaica do qual emergiriam figuras de projeção mundial que transportariam consigo a marca cultural da cidade, como Vladimir Jabotinsky, intérprete tutelar do sionismo e um dos promotores originais da independência de Israel, Isaac Babel, o escritor e jornalista, membro da primeira geração da intelligentsia bolchevique dizimada pelas purgas estalinistas, ou Leon Trotsky, o revolucionário que transportaria pela vida fora, até ao trágico epílogo mexicano, a inclinação internacionalista própria do lugar onde nascera e começara a sua formação como revolucionário e homem de letras.

Essa foi a base cosmopolita e progressista sobre a qual foi desenhada a tradição intelectual de Odessa. Ponto de partida para a projeção de uma ambição que, a partir da margem do Mar Negro, em muito transcendia o território estrito da cidade. Talvez por isso a tenham procurado Gogol, Tchekov, Tolstoi, Gorki, até Brodsky, a tenham amado à distância Dostoievski, Maiakovski ou Nabokov, e da sua imagem se tenham apropriado Balzac, Verne ou Conan Doyle. Este não era, ainda assim, um universo equilibrado ou pacífico. A diversidade demográfica, a par da localização na confluência de mundos diferentes, e por vezes opostos, impuseram pesados conflitos sociais. Em *Odessa: Genius and Death in a City of Dreams*, Charles King descreve um território dinâmico a dada altura «repleto de aristocratas, gangsters, heróis e vilões»<sup>22</sup>. Num dos Contos de Odessa, publicados por Babel já em 1931, o personagem Benya Krik surgia como o lendário chefe do gang judaico que dominara parte da cidade. E a revolta dos trabalhadores locais ocorrida em 1905, brutalmente reprimida pelas autoridades, confirmou um novelo de contradições próprias dessa urbe singular que o poder bolchevique iria herdar<sup>23</sup>.

Já a *cidade soviética* nasceu com essa rebelião. Mas com maior rigor tê-

<sup>21</sup> Oz, Amos (2007) [2003]. *Uma História de Amor e Trevas*. Porto: ASA.

<sup>22</sup> King, Charles (2011). *Odessa: Genius and Death in a City of Dreams*. New York: W. W. Norton & Company [ebook].

<sup>23</sup> Babel, Isaac (2022) [1931]. *Contos de Odessa*. Lisboa: Relógio d'Água.

lo-á sido em 1925, pois foi neste ano que foi rodado o referido *Couraçado Potemkin*, o clássico filme tantas vezes apresentado como testemunho sobre a necessidade e a legitimidade da Revolução de Outubro, que possui Odessa como cenário e como metáfora. A primeira imagem que sobrevém quando pensamos na cidade está associada à sequência fílmica do massacre perpetrado pelas tropas czaristas sobre os marinheiros e o povo, em fuga de roldão pela singular escadaria panorâmica que conduz ao porto. Ela evoca um episódio de facto vivido noutra ponta da cidade, abandonado no filme por diminuir a teatralidade, e será apresentada pela propaganda soviética como prova do destino revolucionário e da combatividade de um «povo» olhado na sua caminhada histórica.

A poeta Anna Akhmatova, que afrontou Estaline e por isso foi silenciada, era também natural da cidade, onde viveu até à idade adulta, mas foi a voz épica dos propagandistas do regime, não a sua, que ampliou a imagem de Odessa como representação, na forma de um microcosmo, desse «mundo novo» pensado pelos bolcheviques e cantado pelo regime saído da Revolução de Outubro. Por isso durante as décadas de vida da União Soviética se foi fazendo da cidade um enorme centro operário, dotado de um grande estaleiro de construção naval, de uma colossal fábrica de guindastes, de unidades avançadas de produção de têxteis ou da indústria alimentar. Como símbolo, Odessa deveria servir de exemplo e semente, e nem a destruição produzida durante a Segunda Guerra Mundial pela ocupação pelas tropas romenas, aliadas dos alemães, que massacraram ou deportaram a quase totalidade dos judeus locais, eliminou a presença dessa dimensão universal, mantida até ao fim do estado soviético com recurso à produção artística e literária oficial.

Na década de 1930, as palavras de Konstantin Paustovsky, escritor moscovita que adotara Odessa como sua, ainda cantavam a cidade mundana povoada de «gregos traficantes de escravos, mercadores do Pireu, garibaldistas italianos, capitães de navio e carregadores portuários»<sup>24</sup>. Mas esta paisagem multiforme seria rapidamente contrariada por um regime que a todos pretendia uniformizar como soldados ao assalto da História do lado certo da inevitável e necessária luta de classes. Uma cidade «normalizada» começava

24 Transcrito em Richardson, Tanya, *Op. cit.* [ebook]

assim a nascer e foi essa, a outrora «pérola do Sul», a «cidade-heroína» do filme, que, desaparecido o império, e sob o cenário do eterno Mar Negro, permaneceu fixada em museus, placas evocativas e city tours temáticos, que a ficção romanesca ajudara a edificar. A história dos últimos anos, porém, parece indicar-lhe agora um outro destino, abalando a sua missão cosmopolita e universalista.

## 5.

No prefácio escrito para a reedição recente de uma sua obra sobre o Mar Negro, editada pela primeira vez em 1995, o jornalista, historiador e escritor escocês Neal Ascherson, especialista em história contemporânea da Europa Central e Oriental, relembra que durante a década e meia que decorreu após a desintegração da União Soviética em 1991, pareceu que a nova ordem política dela saída naquela grande região do continente, apesar de móvel, complexa e inserida num novo equilíbrio global, tendia a estabilizar-se<sup>25</sup>. Por essa época perturbada e de rápidas mudanças, a maioria dos governos dos estados nela localizados procurava acima de tudo resolver complexas lutas intestinas e pôr termo ao caos económico resultante da queda de sistemas que assentavam em políticas estagnadas, embora protetoras e previsíveis. Todavia, no início do século XXI, e de uma forma na aparência inesperada, os estados da região do Mar Negro começaram a viver uma era de fortes terremotos políticos.

Ascherson faz um rápido inventário de levantamentos sonantes e de guerras em pequena escala que nessa altura chamaram a atenção do mundo e trouxeram consigo uma forte instabilidade regional. Refere a Revolução das Rosas, que teve lugar na Geórgia em 2004, e a Laranja, ocorrida na Ucrânia no ano seguinte, ambas de uma natureza essencialmente pacífica. Lembra também a grande vaga de protestos antigovernamentais e pró-democracia que sacudiu Istambul e outras cidades turcas em 2013. Destaca, porém, a forma como o exército russo lançou um ataque punitivo contra a Geórgia em 2008, e depois, já em 2014, o modo como a violência sucedida durante um segundo levantamento ucraniano serviu de pretexto à intervenção de Moscovo e a uma nova anexação de boa parte da Crimeia.

<sup>25</sup> Ascherson, Neal (1995). *Black Sea: Coasts and Conquests. From Pericles to Putin*. New York: Hill and Wang.

Estas duas guerras constituíram um anúncio do que estava para vir no que respeita à atual tentativa da Rússia de recuperar a supremacia política e militar que antes de 1991 teve sobre a região do Mar Negro. O conflito de 2008 na Geórgia começou na Ossétia do Sul e levou a uma intervenção russa sangrenta e destrutiva, não apenas de instalações militares, mas também de cidades como Gori, curiosamente o lugar de nascimento de Estaline. Nesse contexto, Moscovo reconheceu a soberania da Ossétia e da Abcásia, violando a integridade territorial da Geórgia e colocando na área um tampão «antiocidental». Já a segunda revolução ucraniana principiou em novembro de 2013, quando o presidente Yanukovich cedeu perante as pressões russas e revogou uma proposta de acordo de associação com a União Europeia. Após meses de manifestações antigovernamentais e antirrussas centradas em Kiev, em particular na renomeada Praça da Independência, ou Maidan, registaram-se tiroteios que provocaram vítimas mortais, agravando o conflito civil e conduzindo à fuga do presidente em fevereiro de 2014.

Um novo governo ascendeu na altura ao poder, mas o presidente da Rússia, Vladimir Putin, definiu essa mudança como um golpe de estado ilegal, e muitos ucranianos de língua russa que viviam na Ucrânia oriental partilharam o seu ponto de vista, definindo o novo regime de Kiev, por efeito de uma memória da Segunda Grande Guerra manipulada pela propaganda do Kremlin, como «fascista» ou «nazi»<sup>26</sup>. Após a fuga de Yanukovich, milícias armadas, que reivindicavam representar a maioria russófona da Crimeia, tomaram o controlo da maior parte desta península, onde, aliás, a frota russa conservava a base naval de Sebastopol. Ao cabo de poucas semanas, e no meio de uma grande mobilização patriótica estimulada pelas autoridades em Moscovo, a Crimeia foi «devolvida» à Federação Russa, enquanto levantamentos pró-russos eclodiam nos territórios formalmente ucranianos de Donetsk e de Luhansk, na bacia do Donbass, iniciando um conflito sangrento e prolongado com as forças do novo governo de Kiev.

<sup>26</sup> Apesar de existirem mitos neste domínio, os jornais têm fornecido informação sobre a existência de grupos ucranianos de extrema-direita, hoje sem qualquer peso eleitoral, a sua relação histórica com o ideário do nazismo, a sua efetiva força no terreno, hoje ténue e sem influência no poder em Kiev. Logo publicado em Março de 2014, veja-se o artigo do politólogo Luke Harding, «Kiev's protesters: Ukraine uprising was no neo-Nazi power-grab», publicado no *The Guardian*: <https://www.theguardian.com/world/2014/mar/13/ukraine-uprising-fascist-coup-grass-roots-movement>

Entretanto, o «Ocidente» não só reconheceu o novo governo ucraniano, como em junho de 2014 estabeleceu com a Ucrânia, a Geórgia e a Moldávia acordos de colaboração com a União Europeia. Agravou-se deste modo, na região do Mar Negro, o crescente conflito de interesses entre a Rússia e os países ocidentais, estimulado também, nas proximidades da região, pela rivalidade entre a Rússia e os Estados Unidos pelo controlo do petróleo e do gás da área do Cáspio, passando o controlo das rotas dos petroleiros e dos oleodutos a ser mais decisivo que nunca. Do ponto de vista político, esta converteu-se na principal «zona de perigo» na qual a relação da Rússia com a União Europeia, a NATO e os Estados Unidos passou a ser vivida. A última fase do conflito, ampliado a uma escala sem precedentes com o ataque a Kiev e a invasão da Ucrânia iniciados na noite de 24 de fevereiro de 2022, enquadrados na tentativa russa de retomar já não apenas a Crimeia, mas toda a costa da Ucrânia voltada para o Mar Negro, situa-se primordialmente nesse combate pelo controlo de vias estratégicas pelas quais está a passar o novo conflito. Sendo apontado, dados os profundos reflexos causados bem além da região, como episódio nuclear de uma plausível «Segunda Guerra Fria» entre o Leste e o Ocidente.

O impacto da ampla área que aqui importa nesta nova fase de disputas armadas, não pode deixar de ser determinada pelo confronto global de políticas imperiais e de interesses inseridos num mapa muito mais vasto que o contido pelas margens e pelas águas do velho «Ponto Euxino». Os estados ocidentais têm optado por interpretar a iniciativa russa como um programa dirigido à restauração da geografia de poder da antiga União Soviética, respondendo, por intermédio da NATO e da União Europeia, com um avanço, ao mesmo tempo ruidoso e subterrâneo, da sua influência para Leste e em redor do Mar Negro. A incursão da Rússia na Geórgia, o seu apoio militar aos insurgentes pró-russos na Ucrânia, e agora a agressão a este Estado terão sido reações aos efetivos progressos dessa influência ocidental, não escondendo o próprio Putin, em sucessivas declarações, ser em boa parte este o seu propósito.

Antes de eclodir a guerra na Ucrânia, o Mar Negro havia sido convertido já em tema de numerosas conferências, debates e programas, alguns deles organizados e financiados pela União Europeia<sup>27</sup>. Em 2004, a entrada da Polónia na União transformou de facto a Ucrânia, historicamente o seu vizinho mais

<sup>27</sup> Ver Ascherson, Neal, Op. cit. [ebook]

próximo, em tema de grande interesse, presente, de forma expressa ou implícita, em numerosos debates que tiveram lugar em Bruxelas. Entretanto, em janeiro de 2007, dois estados do Mar Negro, a Roménia e a Bulgária, seguiram os passos da Polónia, passando também a ser membros de pleno direito da União Europeia, e mais tarde da NATO, o que criou todas as condições para que a adesão da Ucrânia a estas organizações pudesse ocorrer dentro de algum tempo, provocando uma inevitável reconfiguração dos poderios militares instalados na região.

O confronto não pode, entretanto, deixar de ser ligado de forma direta ao projeto de ressuscitar a Rússia como «grande potência», em condições de se impor novamente na região e de controlar as opções estratégicas e a política externa dos seus vizinhos, exigindo ao mesmo tempo temor e respeito ao resto do mundo. Esse projeto não se tem limitado, todavia, a recuperar a partir de uma posição nostálgica pós-soviética, como tem sido lembrado, os interesses estratégicos e a memória partilhada do seu antigo poderio<sup>28</sup>, estimulando um desejo de conter o declínio rapidamente projetado depois de 1991. De facto, tem-lhe sido também associado um nacionalismo russo, de profundo lastro histórico, que alimenta necessariamente uma política expansionista voltada para o restabelecimento das bases do antigo Império Russo<sup>29</sup>. Apesar de ser a 11ª potência mundial em termos de Produto Nacional Bruto, a Rússia continua a ser a 2ª potência militar mundial – ainda ultrapassa a China, que entretanto se tem aproximado bastante – e detém o segundo arsenal nuclear do planeta, valendo-se inevitavelmente desta posição para procurar restaurar o peso geoestratégico, restabelecendo um império análogo ao czarista e com uma influência capaz de ir para além dele, como o demonstra a intervenção na Bielorrússia, na Síria e agora na Ucrânia, bem como as recentes ameaças feitas às três repúblicas do Báltico, à Moldova e mesmo à Suécia e à Polónia.

«Na era de Putin», escreve Michel Eltchaninoff, diretor da revista francesa *Philosophie* e especialista em história do pensamento russo, «a filosofia está por todo o lado»<sup>30</sup>. Esta presença prende-se sobretudo com o esforço de ex-

<sup>28</sup> Veja-se Boym, Svetlana (2001). *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books.

<sup>29</sup> Veja-se Kuzio, Taras (2022). *Russian Nationalism and the Russian-Ukrainian War*. London: Routledge.

<sup>30</sup> Eltchaninoff, Michel (2022). *Na Cabeça de Putin*. Lisboa: Zigurate, 8.

pansão dos ideais nacionalistas por parte de setores políticos e de alguns pensadores próximos do Kremlin, bem como de historiadores amadores que têm apoiado as suas interpretações, todos eles com a permanente cumplicidade dos órgãos do Estado, dos serviços secretos e dos meios estatais de comunicação social, a par de um controlo aturado da informação e das opções políticas alternativas, sistematicamente reprimidas e silenciadas<sup>31</sup>.

Esses setores têm defendido a existência histórica de um povo eslavo comum, composto por russos, ucranianos e bielorrussos, chegando mesmo a negar a extrema diversidade linguística da Ucrânia, onde – na senda da antiga e ampla diversidade dos povos instalados na região do Mar Negro – se falam, para além do ucraniano e do russo, o polaco, o tártaro, o grego, o húngaro, o búlgaro e o romeno. A Ucrânia seria de facto uma aberração territorial criada por Lenine a partir de um manto de retalhos pertencentes a diferentes períodos históricos, existindo sempre forças e atores externos que a foram desviando do seu caminho de união com a Rússia: os polacos no século XIX, os austríacos, os alemães e os romenos durante o século XX, e agora a União Europeia e os norte-americanos. A existência do atual estado independente ucraniano é até apresentada por esses publicistas como um ataque à centralidade da língua russa no mundo russófono, constituindo uma forma de discriminação linguística que justificaria uma intervenção libertadora decerto apoiada pela população russófona das margens a norte do Mar Negro<sup>32</sup>.

Merece também uma referência a recuperação pelas autoridades russas do filósofo e publicista Ivan Ilyin, recentemente lembrada pelo historiador Timothy Snyder<sup>33</sup>. Fascista declarado, ultranacionalista, contrarrevolucionário e apoiante do Exército Branco durante a guerra civil que se seguiu a 1917,

<sup>31</sup> Satter, David (2022) [2016]. *Quanto Menos Soubermos, Melhor Dormimos. Do Terror à Ditadura na Rússia sob Ieltsin e Putin*. Lisboa: Zigurate.

<sup>32</sup> Sobre este tema foi consultado o texto inédito «A guerra na Ucrânia: comunicação e discursos institucionais na Rússia», de 2022, da autoria da sociolinguista Olga Soloveva, do Centro de Estudos Sociais e do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, gentilmente cedido pela autora.

<sup>33</sup> Snyder, Timothy (2019). *Rússia-Europa-América. O Caminho Para o Fim da Liberdade*. Lisboa: Edições 70. Ver também, para uma compreensão da história recente da grande região aqui observada, do mesmo autor, (2011) [2010]. *Terra Sangrenta. A Europa entre Hitler e Estaline*. Lisboa: Bertrand.



mais tarde defensor de Hitler, Ilyin tem sido repetidamente citado como inspiração política por Vladimir Putin, legitimando teoricamente as suas escolhas. Em 2005 o Estado organizou-lhe mesmo funerais nacionais, referindo-o como essencial para compreender o passado e a missão histórica da Rússia. Num texto de 2010, foi nele que Putin se inspirou para defender já então uma intrusão na Ucrânia. Em 2014 os membros do partido que governa a Federação Russa, a Rússia Unida, assim como as chefias militares e todos os funcionários públicos, receberam do Kremlin uma coleção de publicações políticas suas, e em 2017 um programa da televisão estatal sobre os cem anos da Revolução Bolchevique apresentou mesmo Ilyin como autoridade orientadora da caminhada expansionista da nação ao longo do século. Personalidades especialmente próximas de Putin, como Vladislav Surkov, seu encarregado da propaganda, e o antigo presidente e primeiro-ministro, atual vice-presidente do Conselho de Segurança da Rússia, Dmitri Medvedev têm colaborado neste esforço.

Os interesses económicos estão também, naturalmente, muito presentes na grande preocupação da Rússia com o domínio do Mar Negro e com a exclusão, ou pelo menos a considerável redução, da presença dos países europeus e dos Estados Unidos. A região é olhada por Moscovo como de um interesse estratégico absolutamente crítico, dado ser imprescindível para o abastecimento dos mercados europeus e da Turquia de petróleo e de gás russos, bem como para a circulação de cereais, sobretudo de trigo e de milho, e ainda de fertilizantes, em larga medida produzidos na Ucrânia – o terceiro produtor mundial de trigo –, dos quais a Rússia carece bastante. Não é do agrado do Estado russo que este comércio possa ser controlado por um país considerado «nas mãos do ocidente», chegando mesmo o Kremlin, por este motivo, a aceitar debater a sua posição estratégica na região com o tradicional inimigo que é a Turquia. É também do interesse russo a manutenção nas suas mãos de oportunidades de expansão comercial que tem vindo a desenvolver na área do Mediterrâneo, em particular com países como a Síria, o Chipre, o Egito, a Líbia e até Israel, para além da mesma Turquia<sup>34</sup>.

<sup>34</sup> Stronski, Paul (2021). «What Is Russia Doing in the Black Sea?», *Carnegie, Endowment for International Peace*. <https://carnegieendowment.org/2021/05/20/what-is-russia-doing-in-black-sea-pub-84549>

Aliás, em declarações proferidas já em setembro de 2022 e publicadas na imprensa internacional, Vladimir Putin foi até mais longe, declarando que «o futuro do mundo está na Ásia», indiciando uma nova viragem de prioridades por parte da política externa da Rússia e uma aproximação económica, quer aos mercados do Médio Oriente e do Irão, quer às grandes potências, económicas e também bélicas, a contracorrente dos interesses ocidentais, que são hoje a China e a Índia. Ao mesmo tempo, dirigente europeu ou norte-americano algum pode considerar o Mar Negro como parte de um universo «periférico». Na realidade, este converteu-se, do ponto de vista político, numa peculiar zona de perigo na qual a futura relação da Rússia e da Ucrânia com o Ocidente, tomado este no seu todo, está a ser produzida, impondo uma reconfiguração do cenário relativamente equilibrado e pacífico, quase quieto, que após séculos de conflitos e de movimentos de povos na região ainda há pouco mais de duas décadas parecia ser o mais plausível.

A história do Mar Negro continua assim a ser escrita, ainda que os seus protagonistas continuem também a mudar. Em «À espera dos bárbaros», o poeta grego Konstantinos Cavafis, desaparecido em 1933, deixou estes dois versos: «E que será de nós agora sem os bárbaros? / Ah, eles talvez fossem uma solução.» Como se viu, naquelas paragens novas soluções para o equilíbrio do mundo que elas configuravam foram sendo sucessivamente encontradas.

## Bibliografia

- ARNAUD, Pascal (2020). *Les Routes de la Navigation Antique: Itinéraires en Méditerranée et Mer Noire*. Paris: Errance.
- ASCHERSON, Neal (1995). *Black Sea: Coasts and Conquests. From Pericles to Putin*. New York: Hill and Wang.
- ALEXANDER, John T. (1988). *Catherine the Great: Life and Legend*. New York: Oxford University Press.
- BABEL, Isaac (2022) [1931]. *Contos de Odessa*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BAMGART, Winfried (2002). *The Crimean War, 1853–1856*. Dunmore: Arnold Publishers.
- BEBIANO, Rui (2013), «*Odessa, Cidade-Escrita*». LER, n° 129, 82-83.
- BOYM, Svetlana (2001). *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books.
- CIOCÎLTAN, Virgil (2012). *The Mongols and the Black Sea in the Thirteenth and Fourteenth Centuries (East Central and Eastern Europe in the Middle Ages, 450-1450)*. Leiden: Brill.
- DUKES, Paul (2014). *The Making of Russian Absolutism 1613-1801*. London: Routledge.
- ELTCHANINOFF, Michel (2022). *Na Cabeça de Putin*. Lisboa: Zigurate.
- FIGES, Orlando (2010). *Crimea. The Last Crusade*. London: Penguin Books.
- GREBE, Sabine (2010). «Why Did Ovid Associate His Exile with a Living Death?». *Classical World*, 103.4, 491–509.
- HARDING, Luke, «Kiev's protesters: Ukraine uprising was no neo-Nazi power-grab». *The Guardian*. 13 March 2014. <https://www.theguardian.com/world/2014/mar/13/ukraine-uprising-fascist-coup-grassroots-movement>
- HOWARD, Douglas A. (2017). *A History of the Ottoman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KENEZ, Peter (1977). *Civil War in South Russia, 1919–1920: The Defeat of the Whites*. Berkeley: University of California Press.
- KING, Charles (2011). *Odessa: Genius and Death in a City of Dreams*. New York: W. W. Norton.
- KING, Charles (2005). *The Black Sea. A History*. Oxford: Oxford University Press.
- KUZIO, Taras (2022). *Russian Nationalism and the Russian-Ukrainian War*. London: Routledge.
- OZ, Amos (2007) [2003]. *Uma História de Amor e Trevas*. Porto: ASA.
- ÖZTÜRK, Özhan (2016). *Pontus*. Ankara: Nika Yayınları.
- PAMUK, Orhan (2008) [2003]. *Istanbul. Memórias de uma Cidade*. Lisboa: Editorial Presença.
- RATH, Andrew C. (2015). *The Crimean War in Imperial Context, 1854–1856*. London: Palgrave Macmillan.
- RICHARDSON, Tanya (2008). *Kaleidoscopic Odessa: History and Place in Contemporary Ukraine*. Toronto: University of Toronto Press.
- SATTER, David (2022) [2016]. *Quanto Menos Soubermos, Melhor Dormimos*. Do Terror à Ditadura na Rússia sob Ieltsin e Putin. Lisboa: Zigurate.
- SNYDER, Timothy (2019) [2018]. *Rússia-Europa-América. O Caminho Para o Fim da Liberdade*. Lisboa: Edições 70.
- STRONSKI, Paul (2021). «What Is Russia Doing in the Black Sea?», *Carnegie Endowment for International Peace*. <https://carnegieendowment.org/2021/05/20/what-is-russia->

doing-in-black-sea-pub-84549

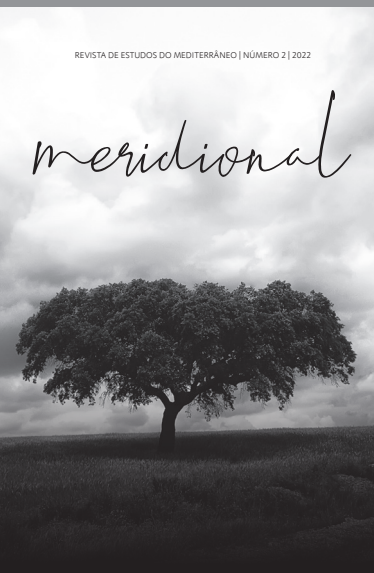
TUMINEZ, Astrid S. (2000). *Russian Nationalism since 1856: Ideology and the Making of Foreign Policy*. London: Routledge.

TWAIN, Mark (2011) [1865]. *The Innocents Abroad*. York: Empire Books.

WHEELER, E. L. (1977). *Flavius Arrianus: a political and military biography*. Durham: Duke University.

REVISTA DE ESTUDOS DO MEDITERRÂNEO | NÚMERO 2 | 2022

# meridional



INSTITUTO DE CULTURA  
IBERO-ATLÂNTICA



**Portimão**  
Câmara Municipal



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

**cult  
alg**

Direção Regional de  
Cultura do Algarve